

# DIREITOS HUMANOS E DIVERSIDADE

**Melissa Andréa Smaniotto  
(Organizadora)**

**Atena**  
Editora  
Ano 2019

**Melissa Andréa Smaniotto**  
(Organizadora)

# **Direitos Humanos e Diversidade**

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

#### Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

D598 Direitos humanos e diversidade [recurso eletrônico] / Organizadora  
Melissa Andréa Smaniotto. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora,  
2019. – (Direitos Humanos e Diversidade; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-182-4

DOI 10.22533/at.ed.824191303

1. Antropologia. 2. Direitos humanos. 3. Minorias. I. Smaniotto,  
Melissa Andréa. II. Série.

CDD 323

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de  
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos  
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A obra “Direitos humanos e diversidade”, em seu volume 1 traz à tona discussões relevantes na sociedade contemporânea a partir de uma perspectiva interdisciplinar e multifacetada, o que propicia um olhar ímpar a partir da visão de mundo de autores, revelando uma preocupação em contribuir para a temática tendo como ponto de partida o viés educacional e cultural.

Neste sentido, se evidencia a imprescindibilidade de provocação dos protagonistas da construção do conhecimento, quais sejam, educadores e alunos, para que - na realidade que estão inseridos - disseminem reflexões e despertem nos mais diversos espaços sociais, atitudes comprometidas com a efetivação dos direitos humanos.

Além das escolas e universidades, a comunidade científica à luz da antropologia aprofunda o debate dos direitos humanos voltando-se para questões referentes à sexualidade, família, gênero, raça, idade, religião e liberdade de expressão e seus desdobramentos voltados na busca incessante de respeito à diferença, aceitação, pertencimento e sobretudo, de inclusão social.

Este volume 1, composto de 25 capítulos, tem como propósito difundir e aprofundar a percepção de que os direitos humanos estão implícitos e, muitas vezes, desrespeitados, na multiplicidade de situações que permeiam o dia-a-dia, objetivando-se dar visibilidade e amadurecer possíveis caminhos que se aproximem da efetivação de tais direitos, com olhos voltados à dignidade da pessoa humana.

Melissa Andréa Smaniotto

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
AFINAL, QUAL É O PAPEL DO SOCIOEDUCADOR COMO AGENTE DE DIREITOS HUMANOS?	
<i>Clawdemy Feitosa e Silva</i> <i>Sidelmar Alves da Silva Kunz</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8241913031</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
ANDRAGOGIA: UM SABER NECESSÁRIO AOS PROFISSIONAIS QUE ATUAM NA EJA, PROEJA E TURMAS DE ACELERAÇÃO	
<i>Tiago Tristão Artero</i> <i>Giane Aparecida Moura da Silva</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8241913032</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>26</b>
DIREITOS HUMANOS E DIVERSIDADE NO CURRÍCULO DOS CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
<i>Andréa Souza de Albuquerque</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8241913033</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>35</b>
DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO: REFLEXÕES DESDE O PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS	
<i>Messias da Silva Moreira</i> <i>Thaís Janaína Wenczenovicz</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8241913034</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>49</b>
EDUCAÇÃO INTEGRAL E INTERCULTURALIDADE	
<i>Soraya Cunha Couto Vital</i> <i>Sônia da Cunha Urt</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8241913035</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>63</b>
GESTÃO DEMOCRÁTICA E PARTICIPATIVA: ESTUDO DE CASO NA ESCOLA ESTADUAL IRENE ORTEGA, MIRASSOL D'OESTE – MT	
<i>Cláudia Lúcia Pinto</i> <i>Ieda Maria Brighenti</i> <i>Valcir Rogerio Pinto</i> <i>Elaine Maria Loureiro</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8241913036</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>75</b>
GESTOR/COORDENADOR PEDAGÓGICO COMO PROMOTOR MULTIPLICADOR, DOS DIREITOS HUMANOS E DA EDUCAÇÃO PARA A PAZ, NO CONTEXTO ESCOLAR	
<i>Carlos Fernando do Nascimento</i> <i>Cleonildo Mota Gomes Júnior</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8241913037</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>90</b>
O CINEMA ALÉM DO INGRESSO PAGO: A PRODUÇÃO EM DIREITOS HUMANOS NA ESCOLA	
<i>Letícia Brambilla de Ávila</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8241913038</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>106</b>
O CONTEÚDO DE LUTAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM DIREITO A SER CONQUISTADO	
<i>Luiz Frederico Pinto</i>	
<i>Tiago Tristão Artero</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8241913039</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>111</b>
O PRONATEC E O DIREITO À FORMAÇÃO PARA O TRABALHO NA REDE ESTADUAL DE ENSINO DE MS	
<i>Arão Davi Oliveira</i>	
<i>Valdivina Alves Ferreira</i>	
<i>Celeida Maria Costa de Souza e Silva</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82419130310</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>128</b>
UMA AÇÃO DE CAPACITAÇÃO DE PROFESSORES PARA O ENSINO DA TEMÁTICA INDÍGENA EM MATO GROSSO DO SUL	
<i>Victor Ferri Mauro</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82419130311</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>141</b>
A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS: SUA INTERFACE COM OS DIREITOS CULTURAIS E A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO-CULTURAL CIDADINO	
<i>Tatiane Vieira de Aguiar Barreto</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82419130312</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>157</b>
A IMAGEM DO NEGRO NA PUBLICIDADE: COMPARATIVO BRASIL E SUÉCIA	
<i>André Isídio Martins</i>	
<i>Jaci de Fátima Souza Candiotto</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82419130313</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>171</b>
A LIBERDADE DE EXPRESSÃO E O DISCURSO DE ÓDIO: O ETNOCENTRISMO RELIGIOSO LEGITIMANDO ABUSOS	
<i>Francisco das Chagas Vieira dos Santos</i>	
<i>Clara Jane Costa Adad</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82419130314</b>	

**CAPÍTULO 15 ..... 184**

**A REPRESENTAÇÃO E O LUGAR DO NEGRO NOS LIVROS DIDÁTICOS**

*Lídia Maria Nazaré Alves*  
*Aparecida Gomes Oliveira*  
*Murilo Américo da Silva*  
*Fabírcia Santos Miguel*

**DOI 10.22533/at.ed.82419130315**

**CAPÍTULO 16 ..... 194**

**ADOÇÃO DE CRIANÇAS NEGRAS: PRECONCEITO X A PRÁTICA INCLUSIVA**

*Fabianne da Silva de Sousa*  
*Maira Nunes Farias Portugal*

**DOI 10.22533/at.ed.82419130316**

**CAPÍTULO 17 ..... 206**

**AS BORDADEIRAS DA COMUNIDADE ESPÍRITA DISCÍPULO DE JESUS COMO AGENTES DO DESENVOLVIMENTO LOCAL - BAIRRO NOVA LIMA – CAMPO GRANDE – MS**

*Mariel Guerreiro da Fonseca Martins*  
*Dolores Ribeiro Coutinho*  
*Maria Augusta de Castilho*

**DOI 10.22533/at.ed.82419130317**

**CAPÍTULO 18 ..... 216**

**BANCADA PARLAMENTAR EVANGÉLICA: UMA MORAL RELIGIOSA QUE LIMITA A APLICAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS**

*Larissa Maria de Queiroz*

**DOI 10.22533/at.ed.82419130318**

**CAPÍTULO 19 ..... 228**

**CULTURA SURDA E LITERATURA NO ESPAÇO ESCOLAR: UM EXERCÍCIO DE DIREITO AO ESTUDANTE SURDO**

*Michele Vieira de Oliveira*  
*João Paulo Romero Miranda*  
*Rosana de Fátima Janes Constâncio*  
*Adriano de Oliveira Gianotto*  
*Andréa Duarte de Oliveira*

**DOI 10.22533/at.ed.82419130319**

**CAPÍTULO 20 ..... 237**

**DESCOLONIZAR A UNIVERSIDADE: POR METODOLOGIAS DESCOLONIAIS E FEMINISTAS NO ENSINO JURÍDICO BRASILEIRO**

*Roberta Laena Costa Jucá*  
*Vanessa Oliveira Batista Berner*

**DOI 10.22533/at.ed.82419130320**

<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>258</b>
DIREITO DOS IDOSOS EM UMA UNIDADE DE CUIDADOS CONTINUADOS INTEGRADOS	
<i>Ane Milena Macêdo de Castro</i>	
<i>Josyenne Assis Rodrigues</i>	
<i>Gleice Kelli Santana de Andrade</i>	
<i>Anna Alice Vidal Bravahlieri</i>	
<i>Danielle Mayara Rodrigues Palhão de Rezende</i>	
<i>Lariane Marques Pereira</i>	
<i>Francielly Anjolin Lescano</i>	
<i>Tuany de Oliveira Pereira</i>	
<i>Alexandra Bazana da Silva Costa</i>	
<i>Edivania Anacleto Pinheiro</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82419130321</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>263</b>
DIREITOS HUMANOS, EDUCAÇÃO E SEXUALIDADES: SOBRE CONSERVADORISMOS, FUNDAMENTALISMOS E PÂNICOS MORAIS	
<i>Cristiano Figueiredo dos Santos</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82419130322</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>279</b>
O SISTEMA DE COTAS PARA INGRESSO NAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS À LUZ DAS AÇÕES AFIRMATIVAS E DOS PRINCÍPIOS DA IGUALDADE E DA DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA	
<i>Aparecida França</i>	
<i>Katlein França</i>	
<i>Reginaldo França</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82419130323</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>294</b>
A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS NO ENSINO SUPERIOR	
<i>Sandra Maria Rebello de Lima Francellino</i>	
<i>Luciane Pinho de Almeida</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82419130324</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>305</b>
A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS E O RECONHECIMENTO DA IGUALDADE NA DIFERENÇA: UMA EXPERIÊNCIA DE APROXIMAÇÃO ENTRE JOVENS DE DIFERENTES REALIDADES	
<i>Alaine Elias Amaral</i>	
<i>Lorene Almeida Tiburtino-Silva</i>	
<i>Josemar de Campos Maciel</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82419130325</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>314</b>



## A REPRESENTAÇÃO E O LUGAR DO NEGRO NOS LIVROS DIDÁTICOS

### **Lídia Maria Nazaré Alves**

UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Carangola MG

### **Aparecida Gomes Oliveira**

UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Carangola MG

### **Murilo Américo da Silva**

UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Carangola MG

### **Fabírcia Santos Miguel**

UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Carangola MG

**RESUMO:** O presente trabalho faz uma análise dos livros didáticos, especificamente os livros de português e de história do Ensino Fundamental e Médio para descobrir o perfil e o lugar reservado ao negro em seus conteúdos. Objetiva-se a construção de uma proposta de intervenção e reformulação no ensino escolar da cultura afrodescendente no Brasil a partir de uma nova abordagem pedagógica através dos livros didáticos, buscando retratar o significativo legado africano para o nosso desenvolvimento sociocultural.

**PALAVRAS-CHAVE:** narrativa histórica, negro, cultura afrodescendente.

**ABSTRACT:** The present work makes an analysis of the textbooks, specifically the

Portuguese books and the history of Elementary and Middle School to discover the profile and the place reserved for the black in its contents. The objective is to build a proposal for intervention and reformulation in school education of Afrodescendant culture in Brazil from a new pedagogical approach through textbooks, seeking to portray the significant African legacy for our socio-cultural development.

**KEYWORDS:** historical narrative, black, Afrodescendant culture.

### 1 | INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como finalidade fazer uma análise dos conteúdos dos livros didáticos, especificamente os livros de português e de história do Ensino Fundamental e Médio para descobrir o perfil e o lugar reservado ao negro em seus conteúdos.

A pesquisa dará ênfase à cultura afrodescendente no Brasil, a inclusão do negro e seu papel na sociedade brasileira e os livros didáticos como veículos de divulgação dessa cultura.

Percebe-se uma grande escassez de informação voltada à cultura afrodescendente no Brasil e suas contribuições na formação do perfil do indivíduo brasileiro. Diante disso, nota-se que ocorre uma injustiça quanto a não

divulgação de todo um legado trazido pelos nativos africanos, que foram inseridos forçadamente numa terra estranha e distante, tendo que se adaptarem e estabelecerem suas raízes em solo brasileiro.

A figura do negro no cenário cultural brasileiro e a sua influência na determinação das características dessa é algo inegável, pois a partir do momento em que os africanos passaram a conviver com aqueles que aqui já se encontravam houve, sim, uma significativa e evolutiva mudança.

Partindo desse pressuposto, este trabalho fará a análise de alguns livros didáticos de língua portuguesa e história, também alguns livros infantis, ressaltando o perfil do negro construído nas ideologias presentes nas entrelinhas de seus conteúdos, ao mesmo tempo em que proporá uma reforma voltada para o ensino da cultura afrodescendente nas escolas.

## 2 | REFERENCIAL TEÓRICO

Spivak (1994, p. 187) diz não ser historiadora, mas se preocupa em compreender como as narrativas históricas são negociadas. Intitulando-se como uma “pós-colonial”, hindu, cidadã indiana, posiciona-se com “a perspectiva crítica necessária diante das falsas reivindicações de histórias alternativas”.

A autora afirma que as posições de leitura e escrita são distintas, o autor deve estar ausente da trama. É preciso se posicionar de forma crítica diante do culturalismo político que se utiliza dos relatos históricos para se afirmar, manipular ou construir o pensamento social. Ao pensar o valor deve-se considerar o âmbito econômico. Para que a narrativa se torne legível, a análise de classes deve ser um instrumento de leitura. Escrever o real não livra dos códigos já estabelecidos socialmente, é necessário trabalhar com e através da história.

Spivak (1994) menciona uma classe de funcionários que atuam como para-choque no período anterior ao monopólio capitalista. Ela os chama de “sujeitos coloniais, formados, com diferentes graus de sucesso” (Op. cit. p. 192) Estes funcionários se transformaram na “burguesia nacional”. São eles os responsáveis pela formação das “identidades nacionais” na descolonização, fato que rompe o elo colonizador/colonizado e acredita-se que a história será reescrita.

Mas com o passar do tempo constata-se que as práticas do colonialismo que outrora eram repudiados, tornam-se presentes fazendo assim com que a história se repita. Os grupos não emancipados permanecem discriminados e destinados à margem. Tal fato pode determinar uma dupla contradição na narrativa histórica, ou seja, a história contada por âmbitos diferentes, dependendo da ótica de quem escreve.

Spivak enfatiza que “refazer a história é uma grande tarefa, e não devemos tomar o entusiasmo ou a convicção como únicas garantias” (SPIVAK, 1994, p.194). A autora vivenciou o momento de Independência Indiana, experiência que lhe fez

compreender o processo confuso de uma nação que rompe com seus dominadores e procura construir uma identidade desvinculada da antiga, mas constata em si o reflexo daquela que tanto repugnava.

O objetivo maior é fazer com que as pessoas se disponham a ouvir. A ferramenta para construir/refazer a história é “somente a educação institucionalizada nas ciências humanas” (SPIVAK, 1994, p. 198) A autora propõe soluções provisórias para as dicotomias “secular e não secular, nacional e internacional, cultural e sociopolítico” por meio da cumplicidade, pelo objetivo comum que deve estar acima das discussões ideológicas. Devem-se priorizar os fatos implícitos nas narrativas “emancipatórias dominantes” mesmo que estes se distanciem da história pré-estabelecida.

Sob o álibi culturalista, a elite insiste em fazer prevalecer uma narrativa que encobre determinados fatos, tornando legítimo aquilo que deve ser combatido. Na verdade o que se vê é a continuidade do sistema anterior, só que mascarado, a história se repete.

Alves (2009) discorre sobre a relação colonizador/colonizado e a busca por uma identidade pelo povo colonizado. A autora afirma que:

[...] no caso de países que foram colonizados, como o Brasil, por exemplo, essa busca torna-se condição *sine qua non* para que reflitamos sobre a formação da nossa identidade e sobre pontos a partir dos quais malogros históricos, como a relação dominante/dominado, que encontra suas origens na relação colonizador/colonizado, por exemplo, tomaram forma. (ALVES, 2009, p. 24)

E, ainda, reflete sobre as consequências advindas ao povo colonizado, mais especificamente aos índios brasileiros, pelo colonizador europeu. Esse colonizador impôs junto com sua língua, toda uma cultura, menosprezando assim os conhecimentos e vivências dos povos colonizados, brasileiros e africanos. Esta relação colonizador/colonizado é uma das causas das dificuldades enfrentadas pelo negro na construção de sua alteridade.

Alves chama a atenção para “[...] a vivência simbólica que cimentou a ideologia do colonizador europeu no novo mundo” (ALVES, 2009, p. 17), usando como pretexto o desejo de propagar o cristianismo, conseguindo impor sua língua e sua cultura, que, segundo a autora, foi uma dupla transgressão.

Pode-se fazer um paralelo com o povo africano na fala da autora, povo que experimentou, como o povo indígena, “o sentimento de perda” (ALVES, 2009) de suas referências, de suas tradições. Para o povo colonizado, a busca por uma identidade é a busca por sua alteridade, condição esta anulada pelas ideologias do colonizador.

Alves (2009) vai mais além ao afirmar que os europeus se utilizaram da palavra de Deus para oprimirem e escravizarem. Conforme diz a autora (p. 20):

Doravante, toda a história do Brasil com seus sistemas de representação ideológicos, dentre os quais se encontra a estética literária estava marcada por

esta imposição. Já que viria escrita, organizada e compreendida a partir destes novos bens culturais. Manter esta dependência cultural significa manter aberta a ferida, cultivar o estigma, civilizar o ímpeto e conter a indignação. Significa ainda salientar a nossa cultura, que tenderia ao desaparecimento por analogia, e traços da nossa identidade ligados aos elementos naturais da terra. Civilizar-nos a partir do ponto de vista do colonizador é um ato de resignação. Ele nos torna colonizáveis para os próximos exploradores.

A autora aponta a linguagem como instrumento de afirmação da identidade do povo colonizado, pois apesar do colonizador aniquilar a cultura do povo colonizado, não se pode negar que a existência de uma “[...] presença insistente, evidenciada mais na oralidade é o eco daquela língua original do autóctone, que veio se perdendo ao longo do processo de colonização”. (ALVES, 2009, p. 21). Pode-se fazer um paralelo da história do índio brasileiro com a história do negro, ambos foram colonizados pelos europeus, tiveram suas culturas e tradições aniquiladas e ambos perderam sua identidade primeira.

Fanon (2008) aborda a questão da ideologia do embranquecimento na Europa, incutida também na sociedade brasileira, afirma que o negro vive um conflito de identidade, por não possuir um passado do qual possa se orgulhar, fica totalmente perdido, sem identidade alguma, já que a sua foi eliminada pelo período da escravidão e a identidade do branco lhe foi negada, sentindo-se assim, sem lugar no mundo.

Essa condição o leva a optar por querer embranquecer e viver como os brancos, pois quer usufruir dos privilégios que os brancos possuem.

Fanon (2008, p. 28) diz que o complexo de inferioridade vivenciado pelo negro tem sua causa em um duplo processo “[...] inicialmente econômico, em seguida pela interiorização, ou melhor, pela epidermização dessa inferioridade”.

Uma das características do colonizador europeu, apontada por Fanon (2008), é a arbitrariedade, ele procura eliminar de todas as formas quaisquer manifestações culturais do povo colonizado, com o fim de minar as forças e enfraquecer aquele sobre quem deseja exercer completo domínio. Com isso destrói toda uma cultura e impõe sobre os escravizados a sua própria cultura, juntamente com a visão de que a sua é melhor, mais forte e soberana.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN - de Língua Portuguesa dos anos finais do ensino fundamental e do Ensino Médio estabelecem as circunstâncias em que deverá ser trabalhada de forma transversal a temática relacionada ao negro e sua cultura no cenário brasileiro. Deixa evidente a condição do negro perante a sociedade e a importância que há em abordar com mais profundidade e apreço às contribuições afrodescendentes na edificação desta nação em conflito com tudo aquilo que, de certa forma, marginaliza o afrodescendente colocando-o, devido a sua condição subalterna desde o início da formação do Brasil, à margem da sociedade. Quanto a isso, importa destacar o que prescreve o PCN de língua portuguesa no sentido de que a aludida meta seja alcançada. Dentre os dez objetivos trazidos logo de início pelos PCN (Língua Portuguesa, 1998, p. 33), ganham destaque nessa temática os seguintes:

Os Parâmetros Curriculares Nacionais indicam como objetivos do ensino fundamental que os alunos sejam capazes de: Posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de **mediar conflitos e de tomar decisões coletivas**; Conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a **noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinências do país**; **Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como os aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais**; **Desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social**, para agir com perseverança na busca do conhecimento e no exercício da cidadania. (Grifo nosso)

Diante do acima apresentado fica claro que a partir dessas práticas em sala de aula o professor poderá desenvolver junto ao aluno um trabalho que contribuirá para o seu desenvolvimento no exercício da cidadania e prepará-lo para conviver com as diferenças outorgando-lhe abertura mental que possa levá-lo a entender e a discorrer sobre os mais variados tipos de assuntos. É importante destacar que a análise do discurso, como vem acentuada no PCN, é uma das formas pelas quais o aluno desenvolverá senso crítico apoiado na capacidade de formar suas próprias opiniões sobre os mais variados temas.

[...] Analisar criticamente os diferentes discursos, inclusive o próprio, desenvolvendo a capacidade de avaliação dos textos: Identificando e repensando juízos de valor tanto socioideológicos (preconceituosos ou não) quanto histórico-culturais (inclusive estéticos) associados à linguagem e à língua; [...] Conhecer e valorizar as diferentes variedades do Português, procurando combater o preconceito linguístico; Reconhecer e valorizar a linguagem de seu grupo social como instrumento adequado e eficiente na comunicação cotidiana, na elaboração artística e mesmo nas interações com pessoas de outros grupos sociais que se expressam por meio de outras variedades. [...] (Op cit, p.33)

**A Lei 10.639/2003 a qual alterou a LDB (Lei 9.394/1996) – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – determina que nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.**

Esta lei determina que o conteúdo programático das instituições de ensino regular incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. [...] Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira. (LEI, 10.639/2003 § 1º, 2º)

Diante das exigências trazidas pela nova lei, torna-se necessário que se adote uma nova forma de abordagem acerca da temática que envolve o negro e o seu papel no cenário brasileiro referente à sua contribuição para a construção desta nação desde

o momento em que ele aqui chegou.

### **3 | O LUGAR DO NEGRO NA LITERATURA INFANTIL**

Ao analisar contos infantis de origem africana e afro-brasileira, que fazem parte dos acervos das escolas, percebe-se a presença de uma proposta pedagógica que deveria ser mais aplicada nas salas de aula. A Lei 10.639\03, as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e os Parâmetros Curriculares Nacionais institucionalizaram vários critérios de caráter indispensável para estabelecer um estudo direcionado aos interesses dos indivíduos negros e de descendência africana.

É necessário que o professor saiba selecionar os livros que tratam a temática do negro de forma que o valorize e contribua para que as crianças negras construam sua identidade de forma saudável e em nível de igualdade com crianças brancas.

Por exemplo, o livro “Menina Bonita do laço de fita” de Ana Maria Machado, traz a história de um coelho que queria ser pretinho como a menina. Esta obra não promove igualdade entre negros e brancos, pelo contrário, reflete a ideologia e o estereótipo do negro como inferior ao compará-lo com um animal.

Por outro lado o conto “Princesas africanas” de Ariane Celestino e Edileuza Penha de Souza, é uma narrativa que explora a história de vida na infância das meninas negras com seus cabelos crespos e naturais. As autoras explicitam como se sentem as meninas negras ao serem abordadas com desrespeito por conta de suas madeixas. O texto mostra a importância das crianças negras e afro-brasileiras conhecerem sua história e sua ancestralidade. O saber de onde veio é um ponto crucial para a construção da identidade de cada um.

### **4 | O PERFIL DO NEGRO NOS LIVROS DE HISTÓRIA DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Analisando os livros didáticos de história dos anos iniciais do Ensino Fundamental utilizados nas escolas, aprovados de acordo com os PCN, observa-se que o lugar ocupado pelo negro socialmente ainda está determinado de forma implícita, pela ideologia europeia, ou seja, do colonizador.

Os livros abordam a história do Brasil desde o momento que os portugueses aqui chegaram, respeitando o nível de conhecimento de acordo com o ano de escolaridade.

Ao se referirem à pessoa do negro percebe-se o uso de imagens que o diminuem enquanto ser humano. O que se vê nos livros didáticos é a reprodução de uma ideologia marcada pelos ideais do colonizador. Por mais que se tente abordar a temática relacionada ao negro, o estereótipo de inferioridade, de que o negro foi

feito para trabalhos manuais e sempre a serviço dos brancos ainda está presente nas entrelinhas dos livros didáticos.

Por exemplo, no livro *Porta Aberta*, 3º ano de escolaridade, p.189, aparece a imagem de negros despejando resíduos humanos nas praias. Não existia rede coletora de esgoto na cidade do Rio de Janeiro, eram os negros chamados de “tigres” que, à noite transportavam as sujeiras para o mar.

Os livros até trazem textos que valorizam o negro, mas na hora de escolherem imagens para os representarem, estas são negativas. O que se vê são negros apanhando no tronco, sendo castigados pelos seus senhores, vivendo como animais, etc. Uma imagem faz mais efeito que palavras, quando se diz respeito às crianças, pois estas ainda não possuem discernimento crítico.

A percepção deste diagnóstico já é um passo adiante na modificação deste estereótipo, o que tanto desejamos. Cabe ao professor, desenvolver atividades em paralelo aos livros didáticos, ampliando o conhecimento dos alunos e levando-os a construir seu conhecimento de forma crítica.

## **5 | O LUGAR DO NEGRO NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA E LÍNGUA PORTUGUESA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E ENSINO MÉDIO**

Nos livros de História e Língua Portuguesa dos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio percebe-se a presença de detalhes que contextualizam e abrangem as propostas dos PCN. Há referências a autores afrodescendentes, bem como fragmentos de obras que traduzem a fala e o anseio do negro na sociedade. Mas tudo é feito de forma muito superficial.

É feita uma abordagem sobre a Literatura Africana nos países de língua portuguesa, nessas páginas pode-se ver que esses povos, assim como o povo negro no Brasil, buscam também o reconhecimento de uma identidade cultural. Países como Angola, Cabo-verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe são singulares em suas diversidades culturais, mas que em muito se identificam com o Brasil, não só por conta de falarem o mesmo idioma, mas pelo fato de se identificarem culturalmente no que diz respeito às origens africanas que são marcantes no povo brasileiro e até mesmo pela influência do luso-colonialismo.

Os cinco países acima mencionados têm como idioma oficial o português e, como tais, têm um elo bastante estreito com o Brasil no que se refere às raízes culturais. Diante do que se percebe, resta evidente que há muito em comum entre as culturas brasileira e africana. Neste contexto apresenta-se um campo vasto para se trabalhar a diversidade cultural que se apresenta entre esses povos e as convergências que se revelam como fator de emancipação de identidade devendo ser levadas para a sala de aula das escolas servindo de conteúdo à temática do negro e sua representatividade no cenário sociocultural que constitui na inegável participação maciça do povo

afrodescendente.

Escritores como o angolano Ruy Duarte de Carvalho, o moçambicano Mia Couto e a poeta São-tomense Conceição Lima contribuem na contextualização das abordagens literárias trazidas nesta seção do livro didático apresentado. Suas revelações e reivindicações através da literatura buscam, assim como os escritores afro-brasileiros, mostrar para o mundo a realidade panorâmica acerca do nível das obras literárias de seus países que objetivam, dessa forma, retratar a sua própria cultura.

Os Livros Didáticos sugerem ao professor, conduzir os alunos a pesquisas sobre os autores africanos e suas respectivas obras, a cultura de seus países, os hábitos, em que se parecem conosco aqui no Brasil e também nossas diferenças.

Pode-se observar que, quando se aborda o papel do negro na história do Brasil há um destaque às suas contribuições físicas, sua força no trabalho, sua alegria, na cultura sobressai a capoeira, as danças e as religiões africanas. Não que isso seja ruim, pelo contrário, é a valorização de uma parte do negro. O que se deseja, mas não se vê, é a valorização de seu intelecto. Ou seja, permanece nas entrelinhas o estereótipo construído pelas ideologias europeias.

Os conteúdos são bons, mas é necessário um interesse por parte do professor para mostrar a outra versão da história. É o que Spivak aponta como um desafio “[...] refazer a história é uma grande tarefa, e não devemos tomar o entusiasmo ou a convicção como únicas garantias” (SPIVAK, 1994, p.194).

Os livros didáticos têm sido um dos instrumentos utilizados pelo sistema dominante na propagação e estabelecimento das ideologias europeias no seio da sociedade brasileira. Portanto, é justo que agora eles sirvam a outro propósito, o de reconstruir a identidade e o estereótipo do negro como cidadão pertencente à pátria brasileira e grande contribuinte na construção da história desta nação.

Esta reescrita da história proporcionará ao afrodescendente a construção de sua identidade e conseqüentemente de sua alteridade, pois ele poderá se ver no outro, se ver como parte integrante da história e não apenas como um contribuinte.

## 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos e análises feitas observou-se que muito já se tem feito para o cumprimento da lei 10.639/03. Os livros didáticos abordam a temática do negro, mas não de forma satisfatória e eficaz que se deseja.

A educação é a única ferramenta capaz de quebrar paradigmas, rever e transformar ideologias, daí a importância do livro didático, pois é ele que norteia o trabalho do professor em sala de aula.

Espera-se com este trabalho conscientizar os educadores e aqueles que se dedicam em produzir livros didáticos, que movam um novo olhar para a história,



que tirem as máscaras das ideologias europeias e percebam aqueles que foram propositalmente destinados à margem e mudem a forma de narrar a história.

Outra observação que se fez foi com relação às imagens relacionadas aos negros nos livros didáticos. Propõe-se que ao se trabalhar com imagens priorizem aquelas que trazem uma mensagem positiva do negro, ressaltando sua inteligência, sua astúcia, sua alegria, sua disposição para o trabalho, não deixando de frisar sua revolta contra a escravidão, seus planos de fuga e capacidade de liderança na formação dos quilombos.

As imagens falam mais que palavras, principalmente quando se diz respeito às crianças. Nos livros didáticos dos anos iniciais percebem-se muitas imagens negativas relacionadas ao negro. Nossa proposta é que se comece selecionando melhor essas imagens. Não queremos que a história seja omitida, mas que se modifique a forma como é apresentada. Então que se fale a verdade através dos textos e através das imagens ressaltem as contribuições positivas do negro, como por exemplo, por que não mostrar o negro alfabetizando os filhos dos fazendeiros? Os negros da tribo Malês na Bahia exerciam esta função. Porque não mostrar a capacidade e inteligência do negro em se organizar e viver em sociedade nos quilombos?

Ao ressaltar o exemplo de negros que exercem cargos de evidência na sociedade, a criança negra se sentirá motivada a lutar por seus sonhos e ideais e acreditará que o país do qual ela faz parte, é um país onde predomina a igualdade de oportunidades para todos.

Propomos que se mostrem os fatos ruins e negativos, não se pode ocultar a verdade, mas que paralelamente a esses fatos mostre a outra versão da história contada por aqueles que estiveram do outro lado, que deixaram registrados por meio de palavras e atitudes que o negro nunca foi submisso à escravidão, pelo contrário, sempre lutou contra ela.

Nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio nossa proposta é a inclusão na lista de livros literários, de obras de escritores (as) afrodescendentes como Conceição Evaristo, Ana Maria Gonçalves e outros autores que assumiram sua negritude e querem ser ouvidos. Que se faça análise crítica de seus conteúdos

A proposta deste trabalho é que os autores dos livros didáticos percebam a forma negativa como têm apresentado o negro e modifiquem suas formas de abordagem. Só assim será possível uma reescrita das narrativas históricas, nas quais o negro será valorizado de forma integral e a cultura afrodescendente fará parte da vida dos brasileiros.

## REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Luiza M. **Português: contexto, interlocução e sentido** 1, 2 e 3/ Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre, Marcela Pontara. – 2 ed. – São Paulo: Modena, 2013. 1. Linguagem e línguas (Ensino Médio) 2. Literatura (Ensino Médio) 3. Português (Ensino Médio).

ALVES, Lídia Maria Nazaré. **Clarice Lispector e Franz Kafka em cena: Não tomar seu santo nome em vão**. Tese (Doutorado em Letras) Instituto de Letras - UFF. Niterói – Rio de Janeiro. 2009. 234p. Site: [www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br)

BRASIL. **Lei 10.639/2003**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. Ministério da Educação. “**Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**”. Novembro de 2009.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)**. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais** (Ensino Médio). Brasília: MEC, 2000.

CÂNDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. Remate de Males. Departamento de Teoria Literária IEL/UNICAMP, Número especial Antônio Cândido, Campinas. 1999. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/remate/article/viewFile/3560/3007> acesso em 05/08/2016.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. 194 p.

Machado. Ana Maria: **Menina bonita do laço de fita**. 7ª edição. São Paulo. Ática, 2005.

PORTA ABERTA. Ciências humanas e da natureza. 3º ano: ensino fundamental: anos iniciais/Mônica Jakievicius... [et al] – 1 ed. – São Paulo: FTD, 2014.

SIMIELLI, Maria Elena. **Projeto Ápis: História 2º ao 5º ano**/Maria Elena Simielli, Anna Maria Charlier. – 1 ed.. – São Paulo: Ática, 2014.

SPIVAK, Gayatri. **Quem reivindica a alteridade?** IN: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa (Org.). **Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1994. pp 187/205.

UNIVERSOS: **História 8º ano**/obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida por Edições SM; editora responsável Valéria Vaz. – 2 ed. – São Paulo: Edições SM, 2012.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-182-4



9 788572 471824